

O SINDICALISMO MINEIRO FRENTE AO GOVERNO EVO MORALES: EXPERIÊNCIA, CONFLITO E IDENTIDADE CLASSE.

Joallan Cardim Rocha

INTRODUÇÃO

As profundas transformações sociais, econômicas, culturais e políticas que ocorreram na Bolívia durante a década de 90 resultaram em uma profunda crise política, sindical, organizativa e ideológica do sindicalismo mineiro. A crise provocou uma redução significativa do número de trabalhadores mineiros assalariados no país a partir de 1985. No entanto, em que pese todas as transformações, este grupo social continua sendo um ator político chave para entender a Bolívia nos dias atuais.

O setor assalariado da mineração possui hoje um contingente de aproximadamente 20 mil trabalhadores, organizados na Federação Sindical dos Trabalhadores Mineiros da Bolívia (FSTMB). Os trabalhadores da mineração continuam sendo um dos grupos sociais mais organizados e combativos, e ainda preservam uma forte identidade de classe com uma forte coesão política, cultural e ideológica. Do ponto de vista econômico, a mineração, ao lado da exploração de petróleo e gás, corresponde à 80% das exportações bolivianas.

Os conflitos envolvendo os trabalhadores da mineração foram durante grande parte do século XX uma fonte permanente de instabilidade política e social na Bolívia. Nossa hipótese é que esse fenômeno se manteve durante o governo Evo Morales, a partir do ano 2006, que significaram um fortalecimento da identidade de classe e da coletividade mineira nos últimos anos.

Constatamos que existem poucos trabalhos acadêmicos sobre a ação política e sindical dos trabalhadores da mineração a partir do ano 2000, sobretudo entre os anos 2006 e 2010. Os atuais trabalhos ou produções acadêmicas têm uma forte tendência a menosprezar ou diminuir o papel dos trabalhadores e do sindicalismo da mineração nos

recentes processos de lutas e transformações sociais que estão ocorrendo na Bolívia nos últimos 10 anos.

Esta pesquisa foi fruto de uma experiência de quatro anos residindo na Bolívia, entre os anos de 2007 e 2011, como parte desta experiência, mantive um contato com os trabalhadores da mineração. Particpei e observei atentamente, de mobilizações, assembleias, congressos, marchas e encontros. Esta convivência possibilitou uma imersão do pesquisador no mundo mineiro, sobretudo no que tange a sua organização política e sindical, mantendo um contato estreito com lideranças, trabalhadores de base e dirigentes sindicais.

O contato direto e cotidiano com os trabalhadores mineiros, através, de conversas informais, cursos de formação sindical, entrevistas e a observação direta e participante, motivou a grande maioria das questões e perguntas levantadas nesse trabalho. Entre todas as questões que surgiram, uma esteve presente desde o primeiro momento.

O que leva este grupo social a manter uma postura de enfrentamento, desconfiança, oposição e independência frente ao governo Evo Morales? A partir desta problemática central surgiu uma serie questões que guiaram esta pesquisa.

Objetivo

Nesse sentido o objetivo é analisar e explicar os conflitos e a relação do sindicalismo da mineração com o governo Evo Morales. A partir desta questão central procuramos compreender o papel do movimento operário da mineração nas mobilizações que antecederam a chegada de Evo Morales à presidência em 2006, sobretudo os conflitos que ficaram conhecidos como a Guerra do Gás entre 2003 e 2005 que resultaram na queda de dois presidentes.

Para entender a relação assumida pelos trabalhadores mineiros e suas organizações sindicais frente ao governo Evo Morales foi necessário analisar e caracterizar o governo, sua composição política e social e o contexto em que se da a eleição de Evo Morales.

Para isso buscamos identificar e compreender os discursos e as práticas dos trabalhadores mineiros e suas organizações sindicais frente ao governo Evo Morales,

tomando como lócus de estudo, os trabalhadores da mina HUANUNI, a maior e mais importante do país.

Procedimentos teórico-Metodológicos

Trata-se de uma pesquisa exploratória de caráter qualitativo dado a natureza do objeto e da problemática a ser estudada e pesquisada. Os trabalhadores da mineração na Bolívia constituem um grupo social e político que compartilha, conserva, transmite e desenvolve um conjunto de **experiências sociais, costumes, tradições, sistemas de valores e um modo de ser** (OSTRIA, 2001) que incidem diretamente em seus posicionamentos políticos e ideológicos e impactam diretamente sua relação com o governo Evo Morales.

Nessa perspectiva, os processos sociais e as experiências dos grupos e classes sociais não podem ser medidos e estudados somente a partir de instrumentos e técnicas estatísticas (DEMO, 1995; HAGUETTE, 2010). O “objeto” dessa pesquisa é também um sujeito social e político em movimento.

Os dados e informações foram obtidos a partir de observação direta, entrevistas semiestruturadas e espontâneas, análise documental e revisão bibliográfica. Também utilizamos como referência as teses congressuais e declarações da FSTMB entre os anos de 2003 e 2010, e os principais jornais do país (El Diario, La Razón e La Pátria).

Análise e discussão dos resultados

“Nacionalismo e Indigenismo no poder”

O ano de 2006 tem um profundo significado na história boliviana. Pela primeira vez, um presidente oriundo das camadas indígenas e populares chega à presidência do país com o amplo apoio da maioria das organizações sindicais, do movimento indígena e

camponês, de setores da classe média e em certa medida do movimento operário. Este fato tem uma grande relevância política e histórica.

A eleição de Evo Morales impactou profundamente as organizações sindicais do país; não somente as tradicionais organizações indígenas e camponesas como a CSUTCB (Confederação Sindical Única dos Trabalhadores Camponeses da Bolívia) e a CIDOB (Confederação de Povos Indígenas da Bolívia) influenciadas diretamente pelo partido do presidente, o Movimento ao Socialismo, como também as organizações sindicais vinculadas ao movimento operário, em especial a COB (Central Operaria Boliviana) e a FSTMB (Federação Sindical dos Trabalhadores Mineiros da Bolívia).

Desde a chegada de Evo Morales à presidência da Bolívia encontramos a um sindicalismo mineiro com uma forte desconfiança e afirmação de sua identidade de classe frente ao novo governo, que o diferenciava das posições defendidas pelos povos indígenas e os camponeses. Esta reação quase “instintiva” é parte do imaginário mineiro, de sua tradição contestatária marcada por um forte discurso de autonomia frente ao Estado e aos governos durante grande parte do século XX.

“Fortalecimento e Reafirmação da Identidade Mineira”

A eleição de Evo Morales em dezembro de 2005 coincidiu com uma profunda crise das instituições políticas e dos partidos tradicionais. Combinado a isso se dá um processo de emergência de novos atores políticos e sociais, como as organizações indígenas, camponesas e comitês de vizinhos, que se mobilizaram por distintas demandas, entre elas, a luta por terra e território e a defesa dos recursos naturais, como a água e o gás.

Este ciclo de mobilizações também contribuiu para o fortalecimento dos setores operários e de suas organizações sindicais tradicionais como a Central Operaria Boliviana (COB) e a FSTMB que resultou na rearticulação de velhas “identidades de classe” e no fortalecimento da consciência de pertencimento a uma “coletividade mineira” (CAJÍAS, 2001).

A cultura política, a forte organização sindical e a identidade mineira (OSTRIA, 2001) que caracterizaram os trabalhadores da mineração desde o processo da sua formação como classe no final do século XIX e que persistiram durante grande parte do século

XX (a autonomia política e sindical, a forte solidariedade de classe e a ação direta, entre outros) foram sendo “rearticulados e resignificados” a partir do ano 2000.

A imagem de que os mineiros bolivianos continuam sendo portadores de combatividade, capacidade de enfrentar-se ao adversário e coragem foi sendo retomada e marcaram a relação deste setor com o governo de Evo Morales.

“Entre a Independência Política e subordinação: os dilemas do movimento operário”

Este processo de reafirmação da identidade de classe entre os trabalhadores mineiros coincidiu com a chegada do dirigente indígena e camponês Evo Morales à presidência da República. Desde o início, os setores operários, em especial os trabalhadores da mineração entraram em conflito com o novo governo.

A desconfiança dos trabalhadores mineiros frente ao governo de Evo Morales se expressa na fala do trabalhador mineiro e dirigente sindical Miguel Zubieta:

La llegada de Evo Morales al gobierno es una derivación de la lucha del pueblo boliviano por transformar **las estructuras económicas y sociales del país. Si no lo hace Evo, el pueblo lo hará por sobre quien quiera que esté en el gobierno.** Por eso es que las organizaciones sindicales, la COD Oruro en su último congreso, han señalado muy claramente que reivindicamos **la independencia política de clase respecto de cualquier gobierno de turno.** Morales tiene la misión, la obligación de cumplir con las agendas señaladas. No puede ser de otra manera, de lo contrario el pueblo nuevamente estará en las calles (...) En el caso del nombramiento de las autoridades hemos visto que hay una incoherencia, que hemos hecho conocer. Por cuanto, por ejemplo, en el sector minero ellos han planteado la refundación de COMIBOL, que sin embargo está a la cabeza del sector minero, un hombre que no está de acuerdo con la refundación. Un representante del sector cooperativista, que evidentemente siempre ha manifestado su oposición a la modificación del Código minero, a la elevación de impuestos mineros, y a la refundación de COMIBOL. Por lo tanto no vemos coherencia en este campo. Por esa razón consideramos que esto está en una situación de incertidumbre (Entrevista concedida ao Jornal Socialismo ou Barbarie).

Em diferentes momentos, os trabalhadores assalariados dirigidos pela COB e pela FSTMB expressaram concepções e práticas sindicais autônomas e independentes do governo. Esse discurso autônomo se manifestou nos distintos conflitos envolvendo os

trabalhadores mineiros e o governo, resultando muitas vezes em enfrentamentos radicalizados e violentos entre os anos de 2006 e 2010.

O sindicalismo mineiro voltará uma e outra vez a discutir sua relação com o governo. Os dilemas serão uma constante, “apoiar o gobierno e o proceso de mudanças” ou manter uma orientação de independencia sindical e política. Na práctica os discursos se articulavam e se moldavam frente às distintas conjunturas. Esse equilibrio, contraditorio muitas vezes se expressava no discurso: “*temos independencia sindical, mas estamos com o processo de transformações do governo de Evo Morales*”.

“Consciencia, identidade e conflito de clase”

Em 2006 os trabalhadores mineiros assalariados, organizados na FSTMB denunciaram o governo de favorecer o setor “cooperativista e privado” em detrimento da empresa estatal e exigiram a “nacionalização de todos os recursos minerais que se encontravam sob controle de empresas privadas nacionais e estrangeiras”. Neste ano, um conflito entre mineiros assalariados e cooperativistas pela disputa de uma reserva de minérios causou a morte de 14 trabalhadores.

Em 2007, se deu outro processo de mobilização envolvendo os trabalhadores mineiros que reivindicavam aumentos salariais e mais investimento na mineração estatal. No ano de 2008, este setor voltou a se mobilizar, dessa vez reivindicando mudanças na previdência, sobretudo a redução da idade de aposentadoria. Este conflito resultou na morte de dois trabalhadores mineiros¹.

A diferenciação com o projeto político de Evo Morales, de matriz nacionalista e indigenista, e a reafirmação de sua identidade de classe foram uma fonte permanente de conflito entre o movimiento sindical minero e o governo. As tentativas do governo para integrar e cooptar as organizações sindicais ao aparato estatal encontraram uma resistencia entre os trabalhadores de base.

Considerações finais

Buscamos explicar a conflitividade e a radicalidade dos enfrentamentos apartir do forte sentimento de pertencimento e auto identidade de clase entre os trabajadores mineros,

construídos ao longo de todo o século XX. À tradição de luta do movimento operário da mineração se combinou a afirmação de um projeto político marcado pela independência e autonomia frente ao governo de Evo Morales.

Na medida em que avançávamos na pesquisa, nos deparamos com nuevas questões, que em nossa opinião não invalidam a hipótese central deste trabalho. Estamos falando da mudança na postura das organizações sindicais mineiras em 2010, que passaram de uma posição de enfrentamento contra o governo e o MAS, à construção de um acordo eleitoral nas eleições 2010.

REFERÊNCIAS

ALVES-MAZZOTTI, Alda Judith; GEWANDSZNAJDER, Fernando. **O método nas ciências naturais e sociais: pesquisa quantitativa e qualitativa**. 2. ed. São Paulo: Pioneira, 1999.

CAJÍAS DE LA VEGA, M. Ideología inherente y discurso autónomo en el movimiento minero boliviano. **Si Somos Americanos: Revista de Estudios Transfronterizos** [Manuscrito], v. 2, año 2, 2000.

_____. Clase e Cultura en la formación de la colectividad minera (1900-1930).

HAGUETTE, Teresa Maria Frota. **Metodologias qualitativas na sociologia**. 12 ed. Petrópolis, RJ : Vozes, 2010.

OSTRIA, G. R. **El socavón y el sindicato: ensayos históricos sobre los trabajadores mineros, siglo XIX-XX**. Cochabamba: ILDIS, 1991.

_____. Los mineros de Bolivia en una perspectiva histórica. **Convergencia** – Revista de Ciencias Sociales [Online], n. 24, 2001. Disponível em: <<http://convergencia.uaemex.mx/rev24/rodriguez.pdf>>. Acesso em: 23 jul. 2013.

TAPIA, L. La cuarta derrota del neoliberalismo en Bolivia. **Observatorio Social de América Latina** [Online], v. 6, n. 17, 2005. Disponível em:

<<http://bibliotecavirtual.clacso.org.ar/clacso/osal/20110313054617/21andinatapia.pdf>>.

Acesso em 22 jul. 2013.